

Mais*

Gil Santos e Larissa Almeida

REPORTAGEM

redacao@correio24horas.com.br

Os homens são a maioria da população em situação de rua em Salvador. Das 5.130 pessoas vivendo nessa condição, 3.949 são do gênero masculino. Além disso, os pretos também são a maior parte desse contingente, 3.265 do total. Os dados foram apresentados ontem pelo prefeito Bruno Reis (União Brasil) e fazem parte de uma pesquisa inédita realizada pela administração municipal, através da Secretaria de Promoção Social, Combate à Pobreza, Esportes e Lazer (Sempre), em parceria com o Projeto Axé, apoio do Conselho Municipal de Assistência Social de Salvador e cooperação técnica da Ufba, Movimento Nacional da População de Rua e a Rede Catábahia.

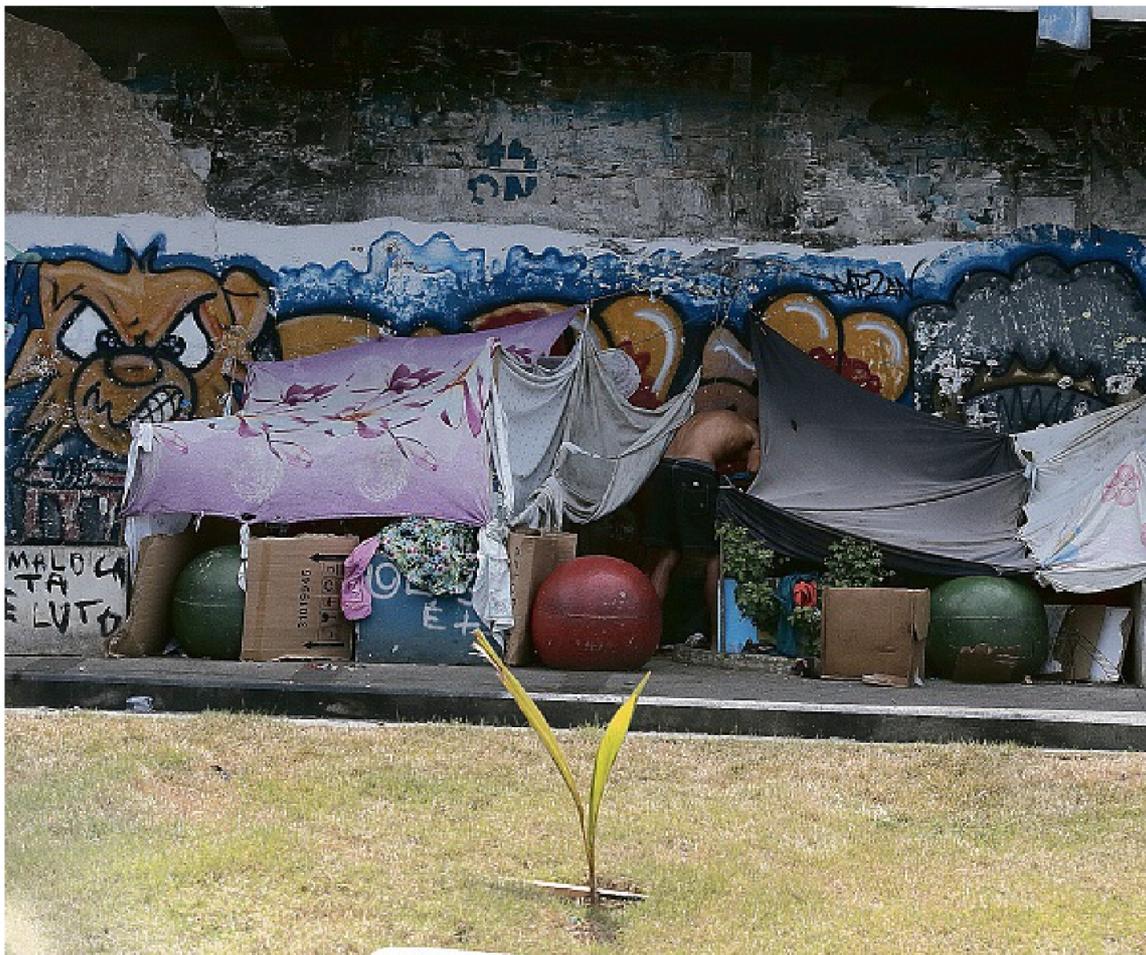
Durante a apresentação da pesquisa, o prefeito também lançou o programa Vida Nova, que investirá R\$ 200 milhões em 25 programas sociais para atender quem enfrenta vulnerabilidades na capital. O programa inclui ações de moradia, alimentação e atendimento para dependentes químicos, entre outras iniciativas. Um dos principais destaques da iniciativa, que é essencialmente focada em acolhimento e atendimento psicossocial, será a intermediação para ajudar na inserção das pessoas em situação de rua no mercado de trabalho.

De acordo com o prefeito, serão oferecidos cursos profissionalizantes por meio de parcerias com instituições como o Senac e o Senai Cimatec. Além disso, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Emprego e Renda (Semdec) vai ajudar na intermediação de mão de obra e a Secretaria Municipal de Educação (Smed) vai garantir a matrícula na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da rede municipal para quem ainda não tem ensino completo.

“Tem moradia, tem alimentação, mas também tem empregabilidade. Portanto, é uma ação completa, que vai desde o restabelecimento da pessoa, passando pelo fortalecimento de seus vínculos, depois permitindo a ela a progressão social. Eu não estou falando de distribuição de cestas básicas, não. Aqui tem um projeto completo, integrado, que tem início, meio e fim, para permitir que a pessoa possa ter uma perspectiva de um futuro melhor”, disse o prefeito Bruno Reis.

CENSO INÉDITO

A maior parte das pessoas em situação de rua, 4.175, são

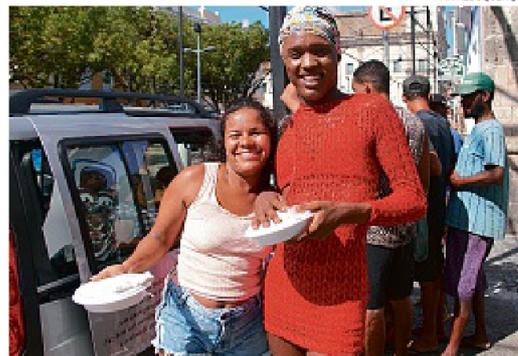


ANA ALBUQUERQUE



Adolescentes somam 98 pessoas vivendo nas ruas da capital

ANA ALBUQUERQUE



Ação emergencial prevê fornecimento de alimentação

Homens são a maioria nas ruas

Prefeitura lança programa com 25 ações de assistência e investimento de R\$ 200 milhões

adultas (18 a 59 anos) e 975 são mulheres, enquanto outras 103 são de gênero dissidente (pessoas trans ou travestis). Entre os pesquisados, 103 não responderam. Por faixa etária, os idosos somam 479, enquanto as crianças são 275 e adolescentes, 98. 103 não informaram a idade.

Entre os motivos de estarem em situação de rua estão procurar sustento (28,3%), maus tratos na família (26%), uso de substâncias psicoativas (10,3%), ter ficado desabrigado (9,1%), morte de fa-

ARISSON MARINHO/ARQUIVO CORREIO



Homens pretos são a maioria da população vivendo em situação de rua na cidade

miliar (3,6%) e outros.

“Nós realizamos o censo em 2023, passamos por toda cidade, passamos pelas Ilhas também, que pela primeira vez, participam do censo. É um diagnóstico das pessoas em situação de rua. São dados que irão possibilitar o planejamento de políticas públicas”, explicou Júnior Magalhães, titular da Sempre.

Bruno Reis destacou a importância de realizar o censo: “Temos quase 400 mil famílias em situação de pobreza ou extrema pobreza. Isso mostra o quanto nossa cidade é desigual e quantos desafios temos pela frente”, observou o prefeito, durante o lançamento do Vida Nova.

O evento de lançamento do programa e a apresentação dos dados do censo foi realizado no Casa Pia de São Joaquim, na Calçada. O prefeito acrescentou que as informações coletadas serão usadas na elaboração de políticas públicas para essa população, como o próprio pacote com 25 ações do programa. “É um macro projeto, que oferece assistência de imediato com alimentação, com tratamento e moradia, seja temporária ou seja definitiva”, afirmou.

Especialistas analisam perfil dos sem-teto

O cientista Social e coordenador de Relações Institucionais do Movimento Negro Unificado, Ademário Costa, afirma que as razões para as pessoas negras serem a maioria em situação de rua em Salvador têm raízes históricas. Ele destaca que o colorismo tem influência decisiva no cenário, uma vez que pessoas pretas compõem a maioria dos vulneráveis, conforme os dados.

“Nosso racismo à brasileira é baseado em uma política de branqueamento que atribui aspectos negativos para a população negra de forma gradativa. Quanto mais a população se aproxima das origens africanas maior é a

ausência de direitos, tratando de forma menos perversa a parte da população que apresenta fenótipo europeizado, socialmente branco”.

No que diz respeito ao sexo, Lucas Vezedek, técnico em atividades educacionais do Projeto Axé, aponta que o fato de os homens serem a maioria dentre as pessoas em situação de rua em Salvador acompanha o cenário nacional. “Um dado sobre educação patriarcal indica que os homens e os meninos das partes trabalhadoras mais vulneráveis vão para as ruas buscar sustento, enquanto as mulheres são mantidas no ambiente doméstico. Elas não são menos

Centro e Liberdade têm mais gente vulnerável

As regiões do Centro e Liberdade têm a maior concentração de pessoas em situação de rua de Salvador, segundo o censo divulgado ontem. No mapa do estudo, a maior incidência de pessoas que dormem nas ruas é indicada no Centro e Barris, que contam com 589 sem-tetos regulares à noite. Na Liberdade, esse número representa 84 pessoas.

De acordo com Lucas Vezedek, técnico em atividades educacionais do Projeto Axé, a população em situação de rua de Salvador está distribuída por todo seu território, mas se concentra com maior incidência sobre locais históricos.

“A concentração é no Centro Histórico e nessas partes da cidade que são historicamente conhecidas por um comércio e pela questão política. Tudo isso vai estar relacionado sempre com alguns precedentes históricos de ocupação desses bairros, que abriga pobres de baixa renda e que estão expostos a risco. O principal motivo de ida é procurar sustento, visto que é uma população que tem uma série de negação de direitos e que vão procurar trabalhos relacionados ao mercado turístico”, explica.

Esse é o caso de Elane Silva Santos, 33 anos, que está há aproximadamente dois anos vivendo nas ruas do

Vida ao relento para fugir da violência em casa

Quando Ayara de Jesus, 19 anos, perdeu a mãe e passou a ter conflitos com a família, decidiu buscar sustento nas ruas. Mulher trans, ela diz que vive de ‘bicos’, seja vendendo acarajé ou se aventurando com todo tipo de negócio lícito no caminho de pedras do Pelourinho. É lá que ela foi acolhida no albergue onde passa as noites que precedem os dias árduos de trabalho. “Fui destinada e levada até aqui. Eu não posso contar com minha família porque eles têm interesse em dinheiro e, como eu não tenho, tudo é motivo para dizer que eu não posso mais ficar lá. Passei por alguns

constrangimentos e agora eu só quero buscar aquilo que for melhor para mim”.

Assim como Ayara, a maior parte das pessoas que vão viver nas ruas de Salvador são motivadas por procura por sustento ou devido aos maus tratos na família, como é o caso do flanelinha Edimar de Almeida, 27 anos, que brigou seriamente com o tio por uma acusação de roubo e decidiu sair do convívio familiar para evitar agressões, aos 14 anos.

“Ele chegou a me ferir e a me ameaçar, então foi uma situação de maltrato. Estou agora numa situação que não é muito boa. Durmo em

vulneráveis por isso, mas ficam mantidas por mais tempo em casa”, explica.

Há dois anos vivendo no Viaduto do Politeama, Vagner Santos, 22 anos, é produto dessa lógica cruel. Sem casa depois de sucessivas perdas por enchentes, ele resolveu ir para as ruas com sua esposa e filho para buscar sustento. “A precisão [necessidade] falou mais alto e a gente veio para cá. Perdemos nossa casa, que era no Largo do Rio Vermelho, e agora eu faço de tudo para sobreviver. Às vezes aparece um ‘corre’ para fazer, outro dia ficamos aqui o dia todo. Meu maior desejo é ter uma casa para mim, minha mulher, filhos e minha mãe”.

Já com relação a crianças e adolescentes, dentre os fatores que contribuem para a ida delas à rua, está a exploração do trabalho infantil.

Outro fator para a ida de crianças para as ruas são os maus tratos vivenciados nos antigos lares

Centro Histórico. Ela conta que, por não ter renda e casa própria, decidiu ganhar a vida da forma que encontrou. “Minha família não tem condição de alimentação e nem de convívio. A casa é deles, não é minha, então não dá para viver lá. Estou na rua em busca de dignidade que não vinha deles. Estou no abrigo agora [...], sei ler, escrever e fazer conta. Vou lutar por um emprego, porque atualmente eu só peço ajuda”, afirma.

Para a cientista social Maria de Fátima Cardoso, professora da Unijorge e pesquisadora colaboradora do Laboratório de Estudos sobre Crime e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (Lassos/Ufba), a busca pelas áreas centrais ocorre porque há maior facilidade em obter alimento e ser notado, já que mais pessoas passam por ali.

Segurança é um dos principais fatores para a área central da cidade ter mais gente sem-teto

qualquer lugar do Centro Histórico e como no lugar que vende comida a R\$ 1”, conta.

Segundo Lucas Vezedek, normalmente as duas razões estão entrelaçadas. “Os conflitos familiares vão estar relacionados à questão da sobrevivência e do sustento, porque as pessoas que vão para as ruas entendem que podem buscar uma vida melhor, mas encontram lá uma série de desrespeito de direitos. Isso é uma leitura de contexto de um país que produz muita pobreza e desigualdade social”, ressalta.

Ele destaca um importante aspecto do Censo: diferente de outras cidades, como Brasília (DF), que tem uma população de imigrantes em situação de rua, Salvador produz a própria pobreza devido a desigualdade.

Falta de oportunidade e privações acaba levando moradores de rua para o abuso de drogas